

- Avaliações de Segurança: Requerente e Certificador -

Berquó, Jolan Eduardo – Eng. Eletrônico (ITA).
 Certificador de Produto Aeroespacial (DCTA/IFI)
 Representante Governamental da Garantia da Qualidade – RGQ (DCTA/IFI)
 jberquo@dcabr.org.br

MSC 25 – 19 DEZ 2012

Quando atuávamos como certificador na Divisão de Certificação de Produto Aeroespacial (CPA) do Instituto de Fomento e Coordenação Industrial (IFI) do Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial (DCTA), tivemos várias oportunidades de analisar avaliações de risco (segurança) realizadas pelos requerentes.

Tínhamos a consciência de que se tratava de uma tarefa que requeria muita paciência. O objetivo deste MSC é chamar a atenção dos avaliadores dos requerentes e dos analistas certificadores, que analisam essas avaliações, para a imensa responsabilidade na execução dessas tarefas.

Primeiramente, o certificador analista precisa conhecer bem a ferramenta que o avaliador do Requerente utilizou em sua avaliação. Deve organizar sua análise, de modo a tratar minuciosamente cada item da avaliação. É a ferramenta da “paciência”.

Embora seja raro, infelizmente há requerentes que apresentam avaliações de segurança que não correspondem exatamente ao sistema que afirma ter avaliado. Para o certificador detectar isso, ele precisa conhecer bem a ferramenta que o avaliador utilizou, ter um critério eficaz de análise e, repetimos, ser extremamente paciente.

O analista certificador tem de ter um comportamento de inflexibilidade, se encontrar avaliações mal feitas. Dizíamos, na ocasião, que ele tinha de ter um comportamento de um fiscal da Receita Federal, ou seja, o que tiver de ser refutado tem de ser refutado.

Analisar uma avaliação de segurança é diferente de analisar uma solução de projeto, sob o ponto de vista de cumprimento da missão.

É preciso ter em mente que está em jogo a segurança das pessoas ou a segurança dos recursos de combate (aviação militar).

Um critério que facilita essa análise, por parte do certificador analista, consiste em utilizar uma tabela no mínimo com as colunas

mostradas na Figura 1. Aliás, essa formatação de tabela pode ser aplicada em muitas outras análises. É simples, mas eficaz.

Item da Avaliação	Título	Aceitação		Comentários
		Sim	Não	

Fig. 1 – Tabela para análise de Avaliações de Segurança.

Não podemos perder de vista que as avaliações de segurança são relatórios que têm seus itens numerados. Então, na primeira coluna é inserido o número de cada item.

A segunda coluna refere-se ao título de cada item.

Na coluna “Aceitação”, o analista certificador assinalaria com um X a aceitação ou não do conteúdo daquele item.

Na última coluna, viriam os comentários, obrigatoriamente aqueles referentes a itens não aceitos. Às vezes, um item não é aceito simplesmente porque não está claro. Outras vezes, no entanto, o item não é aceito porque a afirmação não está correta.

Ao não aceitar um item, o analista certificador precisa estar bastante seguro de sua decisão porque talvez ele tenha que discutir o assunto com o analista do requerente, que em geral sabe o que está fazendo. Essa discussão é muito comum e democrática.

Isso aconteceu conosco várias vezes, e amiúde tínhamos que discutir com analistas do requerente especialistas na área de segurança, daí a necessidade de o analista certificador saber bem o que vai escrever na coluna “Comentário”, na hipótese de não aceitar um item.

Quando o analista do requerente é de alto nível e o analista certificador domina bem o assunto, pode ocorrer uma proveitosa discussão entre os

dois, como foi o caso de uma avaliação apresentada por um fornecedor brasileiro. Alguns itens não foram aceitos, decorrendo daí uma longa e profícua discussão, que, ao final, gerou um excelente relatório.

Mas às vezes podem ocorrer situações que, em nossa opinião, poderiam ser enquadradas como criminosas, como a que ocorreu quando tivemos a oportunidade de analisar três relatórios relativos a avaliações de segurança de três equipamentos de um mesmo fornecedor.

A ferramenta utilizada pelo analista do fornecedor foi a FMECA (*Failure Mode And Effects Criticality Analysis*).

Seguimos então a metodologia acima. Empregamos cerca de 16 horas, analisando o primeiro relatório. Ao final, a tabela apresentou três ou quatro itens não aceitos. Até aí, tudo bem.

O problema surgiu quando fizemos a análise do segundo relatório. Embora o relatório fosse pertinente a outro equipamento (outra nomenclatura e outro *Part Number*), com funções diferentes do primeiro, o conteúdo do relatório era idêntico ao do primeiro.

Esse relatório foi recusado e o analista considerado negligente ou mal intencionado.

Mas isso foi detectado porque usamos essa poderosa ferramenta de analista: “paciência”. Mas, em geral, como já deixamos a entender, temos de utilizar duas ferramentas indissociáveis: “paciência e conhecimento”. Elas nos permitem ter a agradável sensação do dever cumprido.

Terminamos aqui, incentivando os analistas de requerentes e analistas certificadores a manterem sempre o espírito de seriedade nessas avaliações e análises.

Desta feita, não apresentaremos Referências, já que foi apenas uma transmissão de opinião formada com nossa experiência no assunto.

Até a próxima.